



Diversidade etária na EJA: o impacto do convívio com as diferenças no ambiente escolar

Age diversity in adult education: the impact of living with differences in the school environment

Diversidad etaria en la EJA: impacto de la convivencia con las diferencias en el entorno escolar

Samires Oliveira Araújo^{1,*}, Railson Jorge Soares Rodrigues², Mauro Guterres Barbosa³

¹Secretaria Municipal de Educação de Paço do Lumiar - Paço do Lumiar (MA), Brasil

²Universidade Estadual do Maranhão - Licenciando em Matemática - São Luís (MA), Brasil

³Universidade Estadual do Maranhão - Departamento de Matemática e Informática - São Luís (MA), Brasil

*Autor correspondente: samiresaraujo5@gmail.com

Editores da seção: Hawbertt Rocha Costa e Maria Consuelo Alves Lima

Recebido: 28 Nov. 2025 | Aprovado: 30 Dez. 2025

Como citar: ARAUJO, Samires Oliveira; RODRIGUES, Railson Jorge Soares, BARBOSA, Mauro Guterres. Diversidade etária na EJA: o impacto do convívio com as diferenças no ambiente escolar. *Ensino & Multidisciplinaridade*, São Luís, v. 11, n. 2, e0825, 2025. <https://doi.org/10.18764/2447-5777v11n2.2025.8>

RESUMO

A presente pesquisa analisa a diversidade etária na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e seus impactos nas relações pedagógicas e no processo de ensino-aprendizagem da matemática. Observa-se, nas escolas públicas brasileiras, um processo de rejuvenescimento das turmas da EJA, o que amplia a heterogeneidade etária e traz novos desafios à prática docente. O estudo tem como objetivo compreender o modo como estudantes de diferentes faixas etárias se relacionam entre si e de que maneira influenciam a aprendizagem coletiva e a atuação do professor de matemática. O problema de pesquisa consiste em investigar de que forma o processo de ensino-aprendizagem na EJA é influenciado pela presença de alunos de diferentes idades. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa - realizada por meio da aplicação de questionário composto por sete questões abertas - cujos dados foram analisados de forma interpretativa e descritiva. Os resultados indicam que a diversidade etária interfere significativamente nas dinâmicas de aprendizagem e na organização didático-pedagógica, o que exige do docente adaptações metodológicas e maior sensibilidade às trajetórias e experiências dos estudantes. Conclui-se que o reconhecimento das especificidades geracionais contribui para a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e para a construção equitativa do conhecimento matemático na EJA.

Palavras-chave: EJA; educação matemática; diversidade etária.

ABSTRACT

This study analyzes age diversity in Youth and Adult Education (EJA) and its impacts on pedagogical relationships and the teaching-learning process of Mathematics. In Brazilian public schools, a process of rejuvenation has been observed in EJA classes, increasing age heterogeneity and creating new challenges for teaching practice. The research aims to understand how students from different age groups interact and how they influence collective learning and the Mathematics teacher's pedagogical practices. The research problem investigates how the teaching-learning process in EJA is affected by the presence of students of different ages. This is a qualitative-quantitative study conducted through a questionnaire consisting of seven open-ended questions, whose data were analyzed using interpretative and descriptive procedures. The results indicate that age diversity significantly affects learning dynamics and pedagogical organization, requiring methodological adaptations and greater sensitivity to students' life trajectories and experiences. It is concluded that

recognizing generational specificities contributes to more inclusive pedagogical practices and to equitable construction of mathematical knowledge in Youth and Adult Education.

Keywords: Youth and Adult Education; Mathematics Education; Age Diversity.

RESUMEN

La presente investigación analiza la diversidad etaria en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) y sus impactos en las relaciones pedagógicas y en el proceso de enseñanza-aprendizaje de las Matemáticas. En las escuelas públicas brasileñas se observa un proceso de rejuvenecimiento de los grupos de EJA, lo que amplía la heterogeneidad etaria y genera nuevos desafíos para la práctica docente. El estudio tiene como objetivo comprender cómo los estudiantes de diferentes grupos de edad se relacionan entre sí y de qué manera influyen en el aprendizaje colectivo y en la práctica pedagógica del profesor de Matemáticas. El problema de investigación consiste en analizar cómo el proceso de enseñanza-aprendizaje en la EJA es influenciado por la presencia de estudiantes de distintas edades. Se trata de una investigación de enfoque cualicuantitativo, realizada mediante la aplicación de un cuestionario compuesto por siete preguntas abiertas, cuyos datos fueron analizados de forma interpretativa y descriptiva. Los resultados evidencian que la diversidad etaria influye significativamente en las dinámicas de aprendizaje y en la organización didáctico-pedagógica, exigiendo adaptaciones metodológicas y mayor sensibilidad hacia las trayectorias y experiencias de los estudiantes. Se concluye que el reconocimiento de las especificidades generacionales favorece prácticas pedagógicas más inclusivas y la construcción equitativa del conocimiento matemático en la EJA.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos; Educación matemática; Diversidad etaria.

INTRODUÇÃO

Em razão de a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representar um instrumento para minimizar a exclusão social de seu público-alvo, torna-se primordial a reflexão acerca dessa modalidade de ensino. A EJA constitui-se espaço para o desenvolvimento pessoal e profissional de estudantes que retomam os estudos em busca de novas oportunidades, carregados de expectativas e objetivos. Contudo, muitas vezes esses sujeitos acabam sendo esquecidos ou desmotivados ao retornarem à escola. Ainda assim, devem ser asseguradas a eles “oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho” (Brasil, 1996).

Os adolescentes, jovens e adultos que não concluíram a educação básica na idade adequada trazem consigo distintas experiências de vida e valores diversos. Além disso, a expressiva diversidade etária entre os estudantes em um mesmo espaço de aprendizagem configura-se, atualmente, como uma das principais características da EJA nas escolas públicas brasileiras. Nesse contexto, cabe ao professor a responsabilidade de articular os objetos de conhecimento das diferentes componentes curriculares com os saberes empíricos dos discentes, conforme destacam Silva, Queiroz e Monteiro (2015, p. 02):

[...] o professor da EJA deve redirecionar concepções e conceitos em sua organização pedagógica, considerando as especificidades desse segmento. Dentro desse contexto, o educador da EJA deve propor um ensino que almeje resgatar a cidadania do indivíduo, bem como sua autoestima e também o interesse de participar da sociedade, a partir da promoção de situações que desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo, sem deixar de considerar os conhecimentos e habilidades de que esses sujeitos dispõem adquiridos de modo informal, em suas experiências acumuladas, cotidianamente, na comunidade onde vivem e nos espaços de trabalho.

Nessa conjuntura, é relevante refletir sobre a formação docente, considerando as especificidades da EJA e a atuação desses profissionais nessa modalidade de ensino. Durante a preparação dos licenciados, a formação é voltada prioritariamente para a educação básica;

contudo, mesmo integrando esse nível de ensino, a EJA não recebe o devido destaque durante a graduação. De acordo com Ventura (2012, p. 79),

para que haja uma maior compreensão por parte dos profissionais da educação sobre o que é essa modalidade de ensino e suas particularidades pedagógicas, é fundamental trazer essa temática para ser discutida na universidade, principalmente nos cursos de licenciatura.

Dessa forma, o presente trabalho surgiu a partir das vivências dos autores durante o estágio supervisionado em gestão, realizado na EJA. Essa experiência proporcionou o primeiro contato dos licenciandos do curso de Matemática com a realidade da EJA e, conseqüentemente, contribuiu significativamente para a formação docente, uma vez que é por meio da “compreensão de situações concretas que se produzem nos contextos escolares onde atuarão” (Lima; Colares, 2021, p. 01) que ocorre o desenvolvimento desses profissionais.

Portanto, considerando que a diversidade etária é uma característica marcante da EJA, torna-se evidente a existência de uma discrepância entre os interesses, pensamentos e opiniões dos estudantes em sala de aula. Diante desse cenário, o objetivo geral desta pesquisa é compreender o modo como esses alunos se relacionam entre si, qual a influência que exercem uns na vida dos outros e o conseqüente impacto dessas interações na construção da aprendizagem e na prática pedagógica do professor de matemática. Além disso, como objetivo específico buscamos investigar de que forma as experiências de vida dos estudantes contribuem para o processo educativo e revelam particularidades que enriquecem ou desafiam o trabalho docente.

Tendo em vista que esta investigação busca refletir sobre a diversidade etária na EJA e sobre o modo como alunos e professores lidam com essa realidade, formulamos a seguinte questão norteadora: como o processo de ensino-aprendizagem na EJA é influenciado pela presença de estudantes de diferentes faixas etárias? Nesse sentido, conjecturamos como hipótese que, ao reunir indivíduos de idades distintas, a EJA possibilita um ambiente de aprendizagem plural e dinâmico, no qual a troca de experiências entre jovens e adultos enriquece o processo educativo. Assim, esse contexto exige do professor abordagens pedagógicas flexíveis e inclusivas, capazes de contemplar as necessidades e expectativas próprias de cada grupo etário.

METODOLOGIA

Podemos entender os aspectos metodológicos como um conjunto de etapas sistematicamente organizadas com o propósito de conduzir à resolução de um problema (Silva; Menezes, 2005). Assim, para compreendermos de forma aprofundada a diversidade etária presente na EJA e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem, estruturamos a pesquisa em diferentes fases complementares: a pesquisa bibliográfica, a observação, a intervenção e a análise dos dados obtidos. A coleta dos dados foi realizada em uma turma da EJA do Ensino Médio, composta por estudantes que participam do curso técnico em Recursos Humanos na modalidade Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional (Ejatec).

Para alcançarmos nosso objetivo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, na qual pesquisamos trabalhos científicos pertinentes para entender o tema da investigação (Sousa; Oliveira; Alves, 2021). Nesse momento buscamos essas obras no Google Acadêmico e nos anais eletrônicos dos Encontros Nacionais de Educação Matemática (Enem). Posteriormente, por intermédio da segunda etapa, a observação, definimos os futuros passos que iriam ser executados, pois esse momento propiciou a vivência na escola na perspectiva de gestor escolar,

logo, compreendemos o modo como a gestão enxergava essa diversidade e como desenvolvia suas atividades pensando nesse fator.

Na intervenção, etapa de consolidação do planejamento, realizamos uma roda de conversa em uma turma escolhida juntamente com a direção da escola, com a seguinte sequência didática:

- Apresentação do documentário *Vidas entrelaçadas na EJA*. Antes de iniciar a exibição do documentário deixamos o desafio de, ao longo da projeção do vídeo, identificar o tema da roda de conversa. O documentário retrata a história de diversos alunos da EJA e seus motivos para terem em algum momento de suas vidas abandonado a escola.

- Roda de conversa. Anteriormente preparamos um roteiro para ser seguido, levando em consideração que durante o momento de conversa seriam levantadas questões que não estariam no roteiro, o que é típico de uma roda de conversa. Primeiramente, retornamos ao desafio feito no início, alguns alunos conseguiram perceber a diferença de idade entre os alunos do documentário e entenderam que o tema seria a diversidade etária. Assim, iniciamos a reflexão a respeito desse assunto.

- Questionário: levamos um questionário com sete questões abertas.

Como procedimento de coleta de dados, foram aplicados dois questionários compostos por sete questões abertas: um destinado aos estudantes, com o objetivo de compreender suas percepções sobre a convivência entre as diferentes faixas etárias e as metodologias de ensino; e outro direcionado ao professor de matemática, buscando identificar possíveis adaptações pedagógicas decorrentes dessa diversidade.

Nesse contexto, tratamos os dados qualitativos por meio de análise interpretativa de caráter descritivo, realizada a partir da categorização das respostas; e identificamos recorrências, aproximações e divergências entre os discursos dos participantes. Os dados quantitativos foram organizados de forma descritiva, visando complementar a interpretação dos resultados. Dessa forma, adotamos a abordagem quali quantitativa para a análise dos dados, uma vez que

[...] esse método de pesquisa tem como objetivo auxiliar os pesquisadores e investigadores a responderem as questões de investigação e/ou testarem as suas hipóteses. Essas estratégias podem ser implementadas concomitante ou sequencialmente, tendo variações na coleta e análise de dados, que podem ser desencadeadas em um mesmo estudo ou investigação (Rosa; Oliveira, Orey, 2015, p. 04).

Por fim, analisamos os dados obtidos de acordo com o embasamento teórico construído ao longo das primeiras etapas da pesquisa, preservando integralmente as identidades dos alunos e do professor. Na próxima seção, é apresentada a análise desses dados, articulada com os referenciais teóricos que sustentam a investigação. Além disso, buscamos evidenciar o modo como os resultados dialogam com as principais discussões presentes na literatura, a fim de permitir uma compreensão mais ampla do fenômeno estudado. Esperamos que essa análise contribua para a reflexão sobre a prática pedagógica e para o aprimoramento das ações educativas no contexto da EJA.

REFERENCIAL TEÓRICO

A EJA configura-se, atualmente, como um espaço plural, marcado pela diversidade etária e, conseqüentemente, pelas múltiplas experiências de vida. Nesse sentido, torna-se evidente a relevância de refletir sobre as legislações educacionais que regulamentam essa modalidade de ensino. A EJA busca “garantir a todos os jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à

escola, sejam mulheres, indígenas, afrodescendentes, de outras etnias ou pessoas com deficiência, uma oportunidade de domínio do saber socialmente produzido” (Maranhão, 2014, p. 08).

Logo, à EJA deve ser dada a devida importância e ela deve ser amplamente discutida, em especial na formação básica docente. Contudo, segundo Ventura (2012) evidencia-se uma lacuna histórica nos currículos das licenciaturas, que, ao desconsiderarem as especificidades da EJA, acabam formando professores pouco preparados para atender esse público tão diverso. A ausência dessa discussão no ambiente universitário contribui para a reprodução de práticas pedagógicas tradicionais, pouco sensíveis às trajetórias de vida dos estudantes jovens, adultos e idosos. Assim, trazer a EJA para o centro das discussões acadêmicas não significa apenas incluir um conteúdo adicional, mas também reconhecer sua complexidade, suas demandas e sua função social.

Ademais, a EJA, entre suas atribuições, desempenha uma importante função equalizadora, isto é, a de garantir igualdade de oportunidades a indivíduos que, por diferentes razões, interromperam sua trajetória escolar e agora buscam não apenas retomar os estudos, mas também alcançar melhores condições de vida e ampliar sua participação social. Essa função vai além de somente ofertar vagas para a EJA, ela envolve reconhecer as situações de desigualdade historicamente produzidas e criar mecanismos que permitam aos sujeitos reconstruírem seus projetos pessoais e profissionais.

De acordo com Secafim e Darsie (2017, p. 04),

a EJA objetiva não apenas proporcionar a certificação de escolaridade para os estudantes, mas sim prepará-los para exercer a cidadania e desenvolver o senso crítico, com o propósito de reconhecerem sua função na sociedade em que estão firmados. Para isso, nota-se a necessidade de contextualizar os conteúdos escolares com os conhecimentos prévios dos alunos e suas experiências, considerando as especificidades dos estudantes Jovens e Adultos.

Desse modo, a EJA ultrapassa a simples função de certificação escolar, assumindo um papel formativo mais amplo, voltado ao desenvolvimento da cidadania e da consciência crítica dos estudantes. Assim, o professor, ao considerar as especificidades da juventude e da vida adulta, contribui para que o ensino deixe de ser uma mera transmissão de conteúdos e passe a constituir um espaço de reflexão crítica, no qual o estudante possa compreender sua função social, reconhecer seus direitos e atuar de forma mais consciente na sociedade em que está inserido.

Nessa perspectiva, o documento oficial enfatiza que “a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura” (Brasil, 2002, p. 18). Essa citação reforça que a EJA não deve ser vista como uma modalidade compensatória ou assistencialista, mas como um espaço de valorização das vivências e das identidades dos sujeitos que a compõem.

Entretanto, inúmeros desafios emergem no contexto atual da EJA, em razão da diferença etária e geracional no mesmo ambiente escolar. Convivem, nesse espaço, sujeitos – em sua maioria, adolescentes e jovens – com diferentes modos de agir, valores distintos e concepções de mundo particulares; esse processo é denominado de juvenilização, que ocorre em virtude da “[...] evasão e a repetência; a necessidade do trabalho, onde a formação passa a ser secundarizada, mas ao mesmo tempo, a necessidade de buscar a certificação, ainda a dificuldade de acesso e a desmotivação para permanecer na escola e concluir os estudos [...]”

(Carvalho, 2027, p. 100). Assim, esse cenário educacional reflete os múltiplos impasses que permeiam a educação e que resultam, muitas vezes, na migração de estudantes repetentes para a EJA.

Nesse sentido, é evidente que essas características da EJA devem ser respeitadas e levadas em consideração na prática pedagógica do docente, como expressam os autores Camilo e Pinto (2020, p. 13):

[...] é preciso valorizar a diversidade na composição etária das turmas de EJA (entre outras diversidades), reconhecendo os/as seus/suas personagens como dotados/as de leituras de si e do mundo. Essas concepções diversificadas, por sua vez, compõem as turmas da EJA e potencializam conflitos e acordos nessa esfera educativa.

Contudo, esses aspectos da EJA são fundamentais para a construção do conhecimento dos sujeitos que dela fazem parte, especialmente no ensino de matemática. Nessa modalidade, a matemática muitas vezes é apresentada de forma fragmentada e descontextualizada, o que compromete significativamente sua função formativa. Como afirma Pantoja (2013, p. 03), trata-se de

[..] um ensino esfacelado e distante da realidade, onde boa parte dos alunos não conseguem transformar o que “aprendem” em conhecimento matemático de fato pois, a forma como alguns professores ensinam, tem limitado a estrutura cognitiva dos sujeitos aprendizes à mera memorização.

Essa crítica evidencia que, embora a matemática seja um componente curricular essencial, ainda é ensinada em muitos contextos de maneira desarticulada das experiências de vida dos estudantes, tornando-se um obstáculo em vez de um instrumento de emancipação. A discussão proposta por Pantoja é central para compreender os desafios enfrentados pela EJA, pois mostra que a simples transmissão de conteúdo não garante aprendizagem significativa. Portanto, a superação desses desafios exige práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade dos alunos da EJA, valorizem seus conhecimentos prévios e promovam a compreensão da matemática como linguagem, ferramenta e forma de leitura do mundo. Somente assim será possível ressignificar o ensino da matemática, contribuindo para o fortalecimento da aprendizagem, da permanência escolar e do exercício pleno da cidadania.

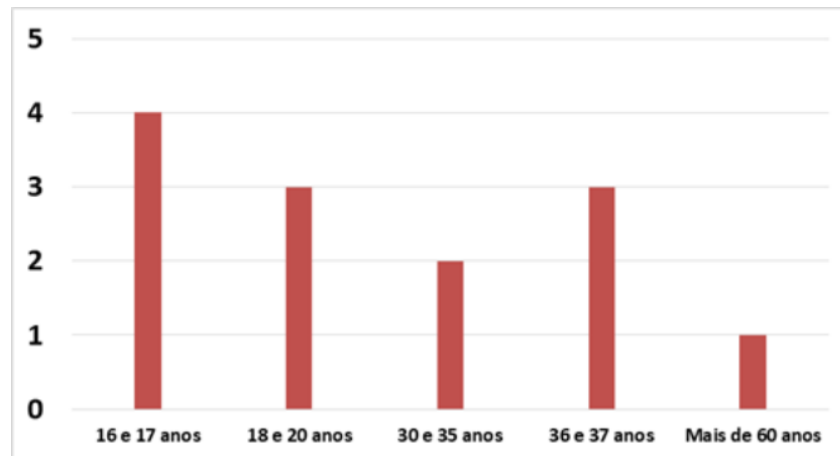
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista a importância de conhecer as particularidades dos alunos para aprimorar a prática docente, buscamos investigar e construir o perfil dos principais participantes da pesquisa: os estudantes. Compreender quem são esses sujeitos, suas trajetórias, faixas etárias e experiências prévias é essencial para interpretar os dados coletados e, sobretudo, para refletir sobre o modo como essas características influenciam o processo de ensino e aprendizagem na EJA. Assim, conhecer o perfil dos alunos não se limita a uma etapa metodológica, mas constitui um elemento fundamental para a elaboração de estratégias pedagógicas mais coerentes com suas necessidades e expectativas.

Para alcançar esse objetivo, inserimos no início do questionário um espaço para que os participantes informassem suas idades. Essa escolha fundamenta-se no fato de que a diversidade etária é uma das marcas mais expressivas da EJA e, conseqüentemente, interfere diretamente na dinâmica da sala de aula. A partir dos dados fornecidos, elaboramos o Gráfico 1, que permitiu visualizar a distribuição etária da turma pesquisada e compreender as diferenças existentes entre os alunos. Essa análise inicial foi indispensável para identificar

possíveis desafios relacionados à heterogeneidade do grupo e para subsidiar reflexões posteriores sobre a adequação das práticas pedagógicas desenvolvidas nesse contexto.

Gráfico 1 – Idades dos estudantes da EJA



Fonte: autores, 2025

Logo, compreendemos que nessa turma 53,84% dos alunos têm entre 16 e 20 anos – surge assim um novo perfil etário na EJA, expresso pelo maior número de alunos jovens do que de alunos adultos nas salas de aulas. Segundo Ribeiro e Nascimento Junior (2015, p. 01),

devemos levar em consideração a diversidade que uma turma da EJA pode apresentar, tais como: o contexto sociocultural dos alunos e o perfil diferenciado. Perfil este, que no decorrer dos tempos modificou-se, permitindo-nos perceber numa sala de aula da EJA a presença mais de jovens do que de adultos ou idosos.

Ademais, na EJA deparamo-nos com indivíduos com diferentes ideias e pensamentos naturalizados, o que constitui uma especificidade dessa modalidade. A diversidade de idades, quando reconhecida e valorizada, não apenas ilumina o cenário investigado, mas também amplia a compreensão sobre o modo como esse público aprende e interage e como constrói conhecimento ao longo do processo educativo. Esse é também um desafio para a socialização dos alunos e para os procedimentos didáticos dos professores.

Para compreender as possíveis dificuldades enfrentadas pelos alunos em relação às metodologias utilizadas pelo professor que ensina matemática (PEM), investigamos a percepção de educadores e educandos acerca dos procedimentos metodológicos adotados em sala de aula. Nesse sentido, aos estudantes foi direcionada a seguinte questão: “Você se sente afetado pela dinâmica ou metodologia que o professor utiliza em suas aulas?”. A partir desse questionamento, obtivemos as seguintes respostas:

Sim, por conta de esta muito atrasada a alguns assuntos que se modernizaram e consegui alcançar, mas o avanço das tecnologias vem ajudando muito quando o conhecimento, tirando dúvidas ao professor que também vem nos ajudando [...] (Aluno 1).

Sim, por conta das atividades mandadas pra casa as vezes eu não tenho o tempo suficiente pra responder elas, gostaria que o professor trabalhasse um pouco mais em sala de aula (Aluno 2).

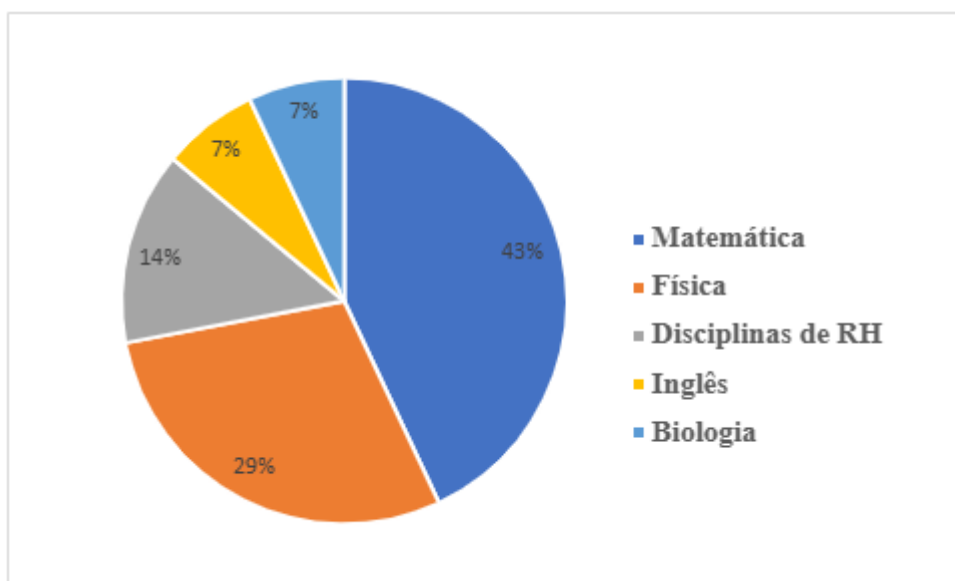
Não, pois apesar que estava 18 anos fora da sala de aula sou muito curiosa gosto de ler então isso tem me ajudado muito (Aluno 3).

Quando questionamos o professor sobre a hipótese de, em algum momento, a metodologia utilizada não ter alcançado a maioria dos alunos, obtivemos como resposta: “*Sim. O motivo, material com muito texto e cálculo. Logo, fiz alterações, com pouco texto, mais imagem e situações-problemas*” (Professor de matemática). O principal objetivo de um professor em sala de aula, bem como de toda a equipe escolar, é promover o ensino e a aprendizagem dos alunos; quando isso não ocorre, torna-se necessário repensar a prática pedagógica. No processo de ensino da EJA, o docente deve “considerar e valorizar os saberes populares trazidos pelos estudantes para as salas de aula e, com isso, problematizar/questionar suas verdades já naturalizadas, de modo a possibilitar uma releitura desses conhecimentos” (Fernandes; Bandeira; Alvarenga, 2021, p. 58-59).

Desse modo, a reflexão trazida pelas autoras evidencia que o ensino na EJA não pode se limitar a modelos tradicionais, pois os estudantes chegam à sala de aula carregando saberes construídos ao longo de suas vivências sociais, profissionais e culturais. Ao reconhecer esses conhecimentos, o professor não apenas aproxima o conteúdo da realidade dos alunos, mas também rompe com a lógica de que aprender matemática é apenas memorizar procedimentos. A adaptação feita pelo docente entrevistado, reduzindo a quantidade de texto e incorporando imagens e situações-problema, demonstra sensibilidade às necessidades do grupo e aproxima-se da perspectiva defendida pelas autoras, na medida em que busca relacionar o conteúdo da disciplina com os repertórios dos estudantes. Esse movimento pedagógico, pautado na escuta e na valorização das experiências do aluno, contribui para um ensino mais significativo.

A EJA é cercada de desafios, pois muitos alunos retornam à escola com inúmeras dificuldades, visto que a maioria passou muito tempo distante da sala de aula. Contudo, é indispensável que a equipe escolar tenha conhecimento das limitações desses alunos, para que possa trabalhar com o objetivo de sanar esses impasses. Sendo assim, buscamos conhecer a componente curricular em que os alunos sentem mais dificuldade, para também agregar esse dado na construção do perfil dessa turma. Representamos as respostas obtidas no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Disciplina em que os alunos apresentam mais dificuldade



Fonte: autores, 2025

Segundo Lorenzato (2010), a matemática é historicamente apontada como uma das maiores responsáveis pela evasão escolar e pelos altos índices de repetência. Mesmo diante

das transformações no cenário educacional, marcadas pelo surgimento de novas metodologias, recursos tecnológicos e propostas pedagógicas mais dinâmicas, a disciplina continua sendo aquela que mais desperta sentimentos de ansiedade, rejeição e antipatia entre os estudantes. Essa resistência se explica não apenas pela complexidade dos conteúdos, mas também por experiências escolares anteriores, muitas vezes marcadas por práticas pouco significativas ou distantes da realidade dos alunos.

No contexto da EJA, essa problemática se intensifica. As autoras Secafim e Darsie (2019, p. 06) caracterizam o conhecimento matemático dos estudantes como heterogêneo e, em muitos casos, limitado, afirmando que, “alguns com pouco e outros com nenhum conhecimento escolar, possuem princípios matemáticos adquiridos informalmente ou intuitivamente, como os processos de contagem e cálculo”. Essa observação é fundamental, pois evidencia que, embora muitos alunos da EJA apresentem lacunas no percurso escolar formal, eles carregam saberes oriundos de suas vivências, do trabalho e das práticas sociais, que podem e devem ser valorizados no processo de aprendizagem.

Contudo, o fato de que 43% dos entrevistados apontaram a matemática como a disciplina em que possuem mais dificuldade, é um grande alerta para toda a equipe escolar, em especial os professores de matemática, responsáveis por ensinar os objetos de conhecimento matemático. No entanto, inúmeros problemas estão relacionados ao baixo desenvolvimento desses alunos na componente curricular, como não respeitar o conhecimento e os aspectos sociais dos alunos e não os articular aos conceitos matemáticos. Outro impasse enfrentado na EJA é citado pelo professor: “*falta da leitura, interpretação correta e saber as operações matemáticas*” (Professor).

A leitura e a interpretação de texto estão intimamente ligadas com a matemática, e essas habilidades não são desenvolvidas pela maioria dos alunos da EJA na idade regular, que, por isso, quando retomam os estudos enfrentam o grande desafio para a resolução de questões de matemática. Conforme Conceição e Menezes (2016, p. 10), “*não é demais enfatizar a grande contribuição da leitura para redução ou extinção dos entraves no processo de ensino e aprendizagem da matemática, especialmente na EJA*” – assim, a leitura é indispensável para o desenvolvimento crítico do aluno e a progressão na aprendizagem da componente curricular matemática.

Ademais, sabendo que o processo de ensino e aprendizagem ocorre por meio de troca e afetividade, buscamos entender o modo como se dão a relação entre os alunos no ambiente escolar nas diferentes faixas etárias e a relação entre professor e aluno. A esse respeito obtivemos as seguintes falas:

Somos vidas unida por sentimentos/ momentos construídos pelo mesmo proposito” (Aluno 5).

Todo mundo se dar bem um com outro a idade não interfere em nada” (Aluno 3).

Uma relação amigável, baseada em respeito e companheirismo (Aluna 1).

Super ótima porque todos se respeitam até agora ninguém nunca faltou com desrespeito comigo. Não por mais que a gente tenhamos idades diferentes eles nunca faltaram com desrespeito (Aluna 4).

Diante disso, observamos que os alunos apresentam uma relação saudável no ambiente escolar, uma relação de cumplicidade. A relação entre professor e aluno “*é uma relação mais de afetividade*” (Professor), visto que a educação deve ser “*baseada em valores e sentimentos como empatia, respeito, confiança, amorosidade, afetividade, entre outros*” (Fernandes; Bandeira; Alvarenga, 2021, p. 04) para que o discente passe a enxergar a escola como um local

onde é acolhido e respeitado. O professor participante deste estudo ainda acrescenta que por ter essa relação com os alunos eles demonstram ter mais interesse nas aulas.

Ademais, em uma turma composta por alunos de diferentes faixas etárias, é necessário que adaptações sejam realizadas, inclusive na forma de comunicação com os estudantes. Como pontuou o professor entrevistado: *“os cuidados no tratamento da explicação do conteúdo com mais calma, na afetividade, mostrar a importância das experiências de cada aluno na vida pessoal, familiar e profissional”* revelam-se mudanças essenciais que devem ser assumidas pelos educadores. Além disso, no ensino de jovens e adultos, o processo de ensinar e aprender só pode ser compreendido quando se levam em conta os saberes já construídos pelos estudantes e as experiências que fazem parte de seu cotidiano, especialmente no ensino de matemática (Secafim; Darsie, 2017). Dessa forma, para que ocorram efetivamente o ensino e a aprendizagem na EJA, é imprescindível examinar as especificidades dessa modalidade, de modo a enriquecer o processo formativo dos educandos.

Secafim e Darsie (2017) destacam ainda a importância da valorização das experiências e dos saberes dos estudantes como elemento estruturante da prática pedagógica, ou seja, ao observar que jovens e adultos chegam à sala de aula com trajetórias diversas, o educador precisa assumir uma postura sensível, dialógica e investigativa, capaz de integrar esses conhecimentos ao desenvolvimento dos conteúdos matemáticos. Essa perspectiva rompe com uma prática de transmissão de conhecimento e fortalece uma abordagem contextualizada, crítica e significativa, conforme afirmam as autoras. Assim, o professor não apenas ensina, mas também aprende com as vivências dos alunos.

Em síntese, os resultados evidenciam que as práticas docentes na EJA demandam flexibilização metodológica, atenção às diferenças geracionais e reconhecimento dos saberes construídos ao longo da vida. As falas dos participantes e a literatura analisada convergem para a necessidade de um ensino que dialogue com a realidade dos estudantes e que se transforme sempre que não atender às necessidades da turma, buscando efetivar o direito desses indivíduos de terem acesso a uma educação de qualidade e que rompa com as barreiras levantadas no ensino, principalmente, da matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, os resultados desta pesquisa evidenciam que a diversidade etária constitui um elemento central nas dinâmicas pedagógicas da EJA e influenciam diretamente as relações interpessoais, os processos de aprendizagem e a organização da prática docente em Matemática. Assim, a análise dos dados indicou que estudantes de diferentes faixas etárias estabelecem interações marcadas pela troca de experiências, pelo respeito mútuo e pela construção coletiva do conhecimento, o que configura a sala de aula como um espaço de aprendizagem colaborativa.

Portanto, em resposta ao problema de pesquisa – como o processo de ensino-aprendizagem na EJA é influenciado pela presença de estudantes de diferentes faixas etárias? – Constatamos que essa diversidade impacta significativamente o planejamento pedagógico e exige do professor maior flexibilidade metodológica e sensibilidade às trajetórias escolares e sociais dos educandos. Logo, os dados apontaram que diferenças relacionadas à linguagem, às experiências de vida e aos ritmos de aprendizagem demandam estratégias didáticas diferenciadas, capazes de garantir condições mais equitativas de participação e construção do conhecimento matemático.

Observamos ainda que o reconhecimento e a valorização dos saberes prévios dos estudantes favorecem o engajamento nas atividades escolares, fortalecendo vínculos de

solidariedade e cooperação entre os alunos. Nesse sentido, conhecer o perfil da turma mostrou-se fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas (Silva, 2015), especialmente diante das dificuldades relacionadas à leitura, à interpretação e aos conhecimentos matemáticos básicos, aspectos já apontados na literatura da área. Verificamos, ainda, que os alunos da EJA desenvolvem relações de solidariedade e respeito e que a sala de aula é, dessa forma, um espaço de parceria no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, torna-se necessário que os docentes respeitem e valorizem as experiências e o saber de vida desses estudantes.

Tendo em vista o cenário do desenvolvimento desta investigação, destacamos a realização da pesquisa em apenas uma turma de EJA e o uso predominante do questionário como instrumento de coleta de dados, o que restringe a generalização dos resultados para outros contextos educacionais. Sugerimos que pesquisas futuras ampliem o número de participantes e contextos investigados, incluindo diferentes instituições e níveis da EJA; e que utilizem múltiplos instrumentos de coleta de dados, como entrevistas e observações prolongadas. Além disso, investigações que analisem práticas pedagógicas específicas no ensino da matemática em turmas etariamente diversas também podem contribuir para o aprofundamento das discussões iniciadas neste estudo.

Ademais, para que o professor alcance seus objetivos, é fundamental conhecer o perfil da turma, especialmente as possíveis limitações dos alunos, como a dificuldade em compreender a linguagem utilizada pelo docente ou interpretar problemas matemáticos. Esse aspecto é relevante porque, conforme afirmam Conceição e Menezes (2016, p. 01), “os alunos que adentram a EJA não possuem a competência leitora e nem tampouco conhecimentos básicos de Matemática”. Desse modo, repensar estratégias, ajustar metodologias e acolher as experiências dos educandos tornam-se ações essenciais para a construção de um processo de ensino e aprendizagem significativos com os princípios da EJA. Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para a reflexão acerca das práticas educativas na EJA e reforçamos a importância de abordagens pedagógicas sensíveis à diversidade etária e comprometidas com a construção de processos educativos mais inclusivos, dialógicos e socialmente significativos.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Conceitualização: Araújo, S. O.; Rodrigues, R. J. S.; Barbosa, M. G.; **Curadoria de dados:** Araújo, S. O.; Rodrigues, R. J. S.; **Análise formal, Pesquisa, Metodologia, Administração do projeto:** Araújo, S. O.; Rodrigues, R. J. S.; Barbosa, M. G.; **Supervisão, Validação, Visualização:** Barbosa, M. G.; **Redação - Preparação do rascunho original, Redação - Revisão e edição:** Araújo, S. O.; Rodrigues, R. J. S.; Barbosa, M. G.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não aplicável

FINANCIAMENTO

Não aplicável

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do Ensino Fundamental (5.ª a 8.ª série). Brasília: MEC/SEF, 2002.

CAMILO, Julianna de Castro; PINTO, Antônio de Pádua. A diversidade geracional na EJA: conflitos e acordos no cotidiano escolar. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 29, p. 1-21, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/10141>. Acesso em: 25 Set. 2025.

CARVALHO, Carolina Coimbra de. **Juvenilização na EJA: significados e implicações do processo de escolarização de jovens**. 2017, p. 171. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2195>. Acesso em: 23 mar. 2026.

CONCEIÇÃO, Fabiana Helena Gomes da; MENEZES, Bianca Vieira de. Aportes da leitura para a construção do conhecimento matemático na educação de jovens e adultos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 12., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBEM, 2016, p. 1 - 11. Disponível em: https://www.sbemrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/6025_2653_ID.pdf. Acesso em: 2 set. 2025.

FERNANDES, Maria Valdenia Rodrigues; BANDEIRA, Geisa Maria da Silva; ALVARENGA, Mariana Silva de. Dialogicidade e afetividade como princípios para uma educação libertadora na EJA. **Revista Educação e Ciências Sociais**, Salvador, v. 4, n. 7, p. 56 - 70, 2021.

LIMA, Gabriela Sousa Martins; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. Estágio supervisionado em gestão escolar: relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2021.

LORENZATO, Sérgio. **Para aprender matemática**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2010.

MARANHÃO. Lei n.º 10.099, de 11 de junho de 2014. Plano Estadual de Educação do Estado do Maranhão (PEE-MA). **Diário Oficial do Estado do Maranhão**, ano 108, n. 111, p. 2-30, São Luís, 11 jun. 2014. Disponível em: https://www.educacao.ma.gov.br/wp-content/uploads/2016/05/suplemento_lei-10099-11-06-2014-PEE.pdf Acesso em: 30 ago. 2025.

PANTOJA, Lúcia Flávia Lima. O ensino de matemática para os alunos da EJA: pensando a formação dos professores. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: SBEM, 2013. P. 01-13. Disponível em: https://www.sbemrasil.org.br/files/XIENEM/pdf/3183_953_ID.pdf Acesso em: 2 set. 2025

RIBEIRO, Rodrigo Nunes; NASCIMENTO JUNIOR, Benedito Borges do. O novo perfil dos alunos da EJA. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2015, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2015. P. 01-09. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16482> Acesso em: 2 set. 2025.

ROSA, Marcelo; OLIVEIRA, Dario Paulo Andrade; OREY, Daniel Clark. Delimitando e conduzindo o método de pesquisa em investigações em Educação Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática Revista**, Campo Grande, v. 8, p. 749-769, 2015.

SECAFIM, Maria Fernanda; DARSIE, Maria Margarete Pereira. Estratégias metacognitivas na educação de jovens e adultos. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., **Anais [...]**. Campinas Grande: Realize, 2017. P. 01-10. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD1_SA13_ID6074_11092017160006.pdf Acesso em: 1 set. 2025.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. ver. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Patrícia da Silva; QUEIROZ, Ana Maria; MONTEIRO, Viviane Batista. O papel dos professores da EJA: perspectiva e desafios. *In*: ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 5., 2019, João Pessoa- PB. **Anais [...]**. Campinas Grande: Realize, 2015. P. 01-12 . Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA13_ID1700_30072015131818.pdf Acesso em: 1 set. 2025.

SILVA, Roseli Maria Domingues de Paula e. **A diversidade de idades entre alunos na mesma sala de aula do Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA de Canoinhas**. Canoinhas - SC: [S. n.], 2015.

SOUSA, Andréia Soares; OLIVEIRA, Sara Oliveira; ALVES, Luís Henrique. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. **Cadernos da FUNCAMP**, Florianópolis - SC, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

VENTURA, Roselene Adorno. EJA e os desafios da formação docente nas licenciaturas. **Revista da FAEBA**, Salvador, v. 21, n. 37, p. 71-82, jan./jun. 2012.

Esta publicação contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, por meio do Auxílio à Editoração (Processo n.º 401996/2024-7).